

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

11 Fev 2018
18:00 Sala Suggia

-
CONCERTO DE CARNAVAL
ANO ÁUSTRIA

Jan Wierzba *direcção musical*

Johann Strauss II

Orpheus-Quadrille (1860)

Johann Strauss II

L'enfantillage – polca francesa (1858)

Joseph Hellmesberger II

Danse Diabolique (d.d.)

Franz von Suppé

Abertura da opereta *Cavalleria Leggera*
(1866)

Franz Schmidt

Introdução, Intermezzo e Música de Carnaval
da ópera *Notre Dame* (1904-06)

Johann Strauss II

Im Krapfenwald'l (1869)

Johann Strauss II

Éljen a Magyar! – polca rápida
(Longa vida aos húngaros!) (1869)

Erich Wolfgang Korngold

Abertura da pantomima *Der Schneeman*
(O Boneco de Neve) (1909)

Johann Strauss II

Kaiser Franz Josef Rettungs Jubel March
(Marcha de júbilo para o regresso do
imperador Francisco José I) (1853)

Johann Strauss II

Im Sturmschritt! (Polca rápida) (1871)

Duração aproximada: 1 hora sem intervalo.

PATROCINADOR SINFÓNICA
AO DOMINGO CONTINENTE

CONTINENTE

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

reseo
RESETO
RESETO

REMA
REMA
REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

I

A perspectiva de um concerto sob o patrocínio de Wilhelm Beetz deixara a orquestra aliviada. As relações íntimas do bem-sucedido empresário vienense com a alta nobreza resultaram na abertura do Palácio Pálffy para uma noite que se revelaria de grande impacto nas ambições futuras do colectivo. Sob os lustres imponentes daquelas salas ainda ressoavam as melodias claras que os pequenos Wolfgang e Nannerl, pela mão de Leopold Mozart, ali tinham desenhado 140 anos antes, nos tempos áureos do clã Pálffy. Mesmo ao fim da rua erguia-se a Ópera; não muito mais longe, o Musikverein acenava a estes músicos experientes como do alto de um Olimpo inacessível, onde só os bafejados pelos favores divinos podiam aspirar a tocar. Contudo, a seriedade que a Duftendflunderorchester depositava em cada programa que oferecia aos assinantes permitia que a sua temporada encontrasse a boa recepção dos vienenses, fossem eles amantes da valsa e da polca ou entusiastas da nova música. Sem dúvida que a Filarmónica de Viena era referência incontornável na cidade da música, mas a verdade é que Joseph Hellmesberger II, o maestro eleito para dirigir as três últimas temporadas da célebre orquestra, desde o Concerto de Natal daquele ano de 1903 não faltava a uma apresentação da Duftendflunder. É certo que se via agora ostracizado pela elite cultural, após a descoberta do seu *affair* com uma bailarina da Ópera, ainda por cima casada. Apesar de tudo, a sua presença não deixava de trazer um acréscimo de prestígio aos serões musicais. Sentado a um canto, cabelo puxado do lado para ocultar a calvície, o homem de meia-idade não tirava os olhos de Esmeralda, a jovem harpista que facilmente se destacava no mar masculino dos músicos.



Wilhelm Beetz (1844-1921)

O grande motivo de curiosidade não era, porém, a presença enigmática do maestro, mas sim o benefício que se esperava recolher de Wilhelm Beetz, para além do pagamento aos músicos e ao Palácio. O empresário de 59 anos tinha construído um império na área da construção, contribuindo para a difusão de equipamentos urbanos que de certa forma haviam transformado e modernizado a vida na cidade. Para uma orquestra como a Duftendflunderorchester, que sobrevivia do mecenato e da incerta boa vontade dos poderes religiosos, era difícil não sonhar com um novo espaço para ensaios e concertos de assinatura. Até lá, a Igreja de São Pedro era a sua casa. O problema era o pároco, um dominicano corcunda que tinha o hábito lamentável de se sentar ao lado do maestro durante os ensaios partilhando as suas ideias estapafúrdias para a interpretação

de cada obra. “O que é que eu acho: ali devia de ser mais forte!”; “aqui mais vale omitir o oboé, que tem um som tão irritante.” E assim, com as suas opiniões vazias, mantinha os profissionais num estado de exasperação desgastante. Nos programas mais populares, como este que a orquestra preparara para o Palácio de Pálffy, o padre Bernhard refreava um pouco as suas intervenções e circulava entre a sacristia e o retábulo com um passo alegre, quase dançado. Na verdade parecia ser um católico bem-intencionado, que tanto nutria um sincero amor pelas artes como se dedicava de corpo e alma ao seu rebanho. Com a intenção de juntar estes interesses, tentava há anos criar uma pequena orquestra juvenil que atraísse à Igreja os paroquianos mais novos. Mas por alguma razão estes lhe fugiam. Mal sabia ele que o pequeno Erich Wolfgang Korngold, um prodígio musical de apenas 6 anos, já organizara um projecto infantil com todo o potencial para levar a música aos jovens menos favorecidos, a que chamara *Die System*.

É claro que, naquela época, Esmeralda não tinha permissão para participar nos ensaios e nos concertos que se realizavam na Igreja. A presença feminina nas orquestras era raríssima e praticamente limitada ao seu instrumento, a harpa. Essa limitação obrigava-a a procurar meios complementares de subsistência, que encontrava no projecto *Die System* como admirada professora de piano, solfejo e canto coral. Não estava, contudo, disposta a abdicar das suas ambições artísticas, pelo que se juntava à restante orquestra no anseio por melhores condições de trabalho e se via obrigada a suportar frequentemente os pouco apropriados comentários dos colegas – alguns dos quais se diziam mesmo incapazes de se concentrar perante uma manga mais curta ou um decote mais ousado.

II

Aquela noite no Palácio atraía uma multidão inesperada, provavelmente desejosa de balançar ao ritmo de valsas, polcas, marchas e quadrilhas da dinastia Strauss. O que os músicos não sabiam era que crescia a fama da Duftendflunderorchester na cidade de Viena, pelo que a sala estava pejada de promotores de concertos, músicos da Filarmónica e da Ópera e compositores. O próprio Franz Schmidt, ex-aluno de Bruckner e violoncelista da Ópera da Corte dirigida por Mahler, ali procurava inspiração para a ópera que estava a terminar. O programa continha algumas homenagens à origem da nobre família Pálffy – uma polca de Johann Strauss que proclamava *Longa vida aos húngaros!* ou a Abertura da opereta *Cavalleria Leggera* de Suppé, um reflexo do fascínio dos austríacos pela nação vizinha. Quem não queria saber do concerto era o pequeno Erich Korngold que, imune ao frio, brincava na praça junto à estátua equestre do imperador. Não fosse a sua presença distraída ali e ninguém poderia ter identificado o homem que saltou do cavalo na Josefsplatz, se ocultou numa enorme capa e subiu palácio adentro ao ritmo imparável da *Dança Diabólica* de Hellmesberger, tomando Esmeralda sobre os ombros e largando a toda a velocidade para parte incerta.

O concerto acabou nesse momento perante a incredulidade da multidão. Os músicos, esses, receberam bem mais pela perda do prémio de Wilhelm Beetz do que pela integridade física da jovem harpista. O empresário acalmou-os, com toda a compostura, exaltando a actuação da orquestra e desvalorizando a sua responsabilidade pelo percalço. Perante umas dezenas de rostos tristes, afirmou que não faltaria com as medidas que já planeara para beneficiar o colectivo de artistas. A confirmação do compro-

misso que todos desejavam foi um bálsamo, pelo que ninguém mais mencionou o nome de Esmeralda naquela noite ou sequer lamentou a sua sorte. A não ser talvez o pequeno compositor que, ainda assim, se ocupava agora a dirigir uma orquestra de bonecos de neve.

III

O grande dia chegara, finalmente, com a clareza da Primavera. A *Duftendflunderorchester* era já notícia no *Wiener Zeitung* e o povo fundia-se com os músicos e os representantes institucionais na Kohlmarkt, junto à pequena depressão que se estendia em frente à Igreja de São Pedro. Depois dos discursos oficiais, Wilhelm Beetz subira ao estrado e elogiava longamente as qualidades da orquestra, enquanto os músicos inchavam de orgulho. O desconforto, porém, crescia perigosamente enquanto o benemérito se demorava na descrição dos vários equipamentos urbanos que construía, quase todos eles bem diferentes daquilo que eram as ambições da orquestra. A esperança que ainda subsistia foi devastada quando se anunciou a construção, ali mesmo, ao alcance da Igreja e dos músicos que lá ensaiavam, da primeira casa de banho pública subterrânea de Viena! Todos os sonhos ruíram nesse instante histórico em que foi aberto o buraco para a edificação da *Öffentliche Bedürfnisanstalt am Graben*, um investimento astronómico de 74 mil coroas e, ainda hoje, um *ex libris* da cidade. Naquele ano distante de 1904, porém, nem os artistas reconheceram a grandeza daquele gesto, nem subsistiu qualquer réstia de ânimo para um regresso aos ensaios.

Quanto a Esmeralda... A corcunda do padre Bernhard Recht nunca poderia ter passado despercebida ao pequeno Erich Wolfgang:

soube negociar como gente grande o seu silêncio, cobrando do pároco um novo espaço para os ensaios da orquestra *Die System*. O que ele não sabia era que a própria Esmeralda estava feita com o padre, tendo ambos encenado o rapto para retirar a harpista dos olhos do público no momento em que ela se preparava para denunciar os inúmeros episódios de assédio sexual de que fora vítima. E, pelo caminho, a Igreja enchia-se da alegria viva das crianças, bem mais permeáveis aos avanços musicológicos do pároco do que a *Duftendflunderorchester*.

GOTTFRIED KARTOFFEL, 2018

Notas de programa baseadas em factos verídicos e confirmadas em fontes fictícias.

Jan Wierzba *direcção musical*

Natural da Polónia e educado no Porto, Jan Wierzba tem-se destacado como um dos mais promissores directores de orquestra em Portugal. Desde Setembro, é Maestro Assistente da Orquestra Filarmónica dos Países Baixos, em Amesterdão. Foi nomeado Director Artístico e Maestro Titular da Orquestra de Câmara de Almada em Maio passado, sendo também um dos fundadores e o Director Musical do Ensemble MPMP, agrupamento com o qual tem trabalhado durante os últimos cinco anos no sentido de promover o património musical português de todas as épocas.

Entre os seus projectos recentes e futuros incluem-se agrupamentos como Filarmónica dos Países Baixos, Netherlands KammerOrkest, Orquestra Gulbenkian, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Metropolitana de Lisboa, Orquestra de Câmara Portuguesa, Orquestras Clássicas de Espinho, da Madeira e do Sul, Orquestra Filarmonia das Beiras, Ensemble MPMP, Síntese GMC, Manchester Camerata, Trash Panda Collective e SEPIA Ensemble.

Frequenta, desde Abril, a Hochschule für Musik Franz Liszt em Weimar, tendo sido admitido para o grau de Konzertexamen, sob a tutoria de Nicolas Pasquet e Ekhart Wycik, enquanto bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Foi Maestro Residente no festival Operosa (Sérvia e Montenegro, 2017). Fez uma série de três masterclasses com foco em ópera sob a tutoria de Carlo Rizzi, ao abrigo da rede ENOA – Queen Elizabeth Music Chapel, Ópera Nacional Holandesa e Orquestra Gulbenkian.

Em 2016 teve oportunidade de trabalhar com Bernard Haitink e a Lucerne Festival Strings em masterclass, foi Assistente de Maestro de Coro na Ópera Nacional Holandesa

e foi laureado com o 3º lugar no Prémio Jovens Músicos, em Direcção de Orquestra. Em 2015 foi um dos cinco escolhidos para a masterclass em Direcção de Orquestra com Mathias Pintscher, durante o Festival de Lucerna, e um dos 15 jovens artistas convidados a participar na International Community Arts Academy, organizada em conjunto pela Filarmónica de Berlim, a Sinfónica de Londres e o Festival d'Aix-en-Provence. Participou no *workshop* Opera in Creation, neste festival.

Trabalhou como assistente de Joana Carneiro, Jac van Steen, Vassily Petrenko, Pedro Carneiro, Marc Tardue, Sir Andrew Davis e Juanjo Mena na Filarmónica Real de Liverpool e na Filarmónica da BBC, na Orquestra de Câmara Portuguesa, no Estágio Gulbenkian para Orquestra, na Orquestra Gulbenkian e na Orquestra Sinfónica Portuguesa.

Enquanto bolsheiro da Fundação Gulbenkian, terminou o Mestrado em Direcção no Royal Northern College of Music (RNCM), onde estudou com Clark Rundell e Mark Heron, tendo-lhe sido atribuído o Mortimer Furber Prize for Conducting. Licenciou-se em Direcção de Orquestra pela Academia Nacional Superior de Orquestra sob a tutoria do maestro Jean-Marc Burfin. Participou em várias masterclasses com personalidades como Neeme Jarvi, Jorma Panula, Juanjo Mena, Nicolas Pasquet, Sir Mark Elder e Paavo Jarvi, entre outros.

Licenciado em Piano pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo, em 2009, na classe de Constantin Sandu, apresentou-se enquanto solista com orquestra, em recital e em música de câmara. Recebeu o 1º Prémio em Música de Câmara do Prémio Jovens Músicos em 2006, o prémio do Rotary Club da Foz atribuído a três dos melhores licenciados da ESMAE e a bolsa da Yamaha Music Foundation for Europe, após provas públicas em 2005.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann *maestro titular*

Leopold Hager *maestro emérito*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Takuo Yuasa e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger e Harrison Birtwistle, a que se junta em 2018 o compositor austriaco Georg Friedrich Haas.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff e Brahms e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2018, a Orquestra apresenta um conjunto de obras-chave da música austríaca: a integral das Sinfonias de Bruckner, os Concertos para violino de Mozart com Benjamin Schmid, a raramente interpretada cantata *Gurre-Lieder* e o poema sinfónico *Pelleas und Melisande* de Schoenberg, *As Estações* de Haydn, além de uma retrospectiva da obra de Webern em parceria com o Remix Ensemble e o Coro Casa da Música. Surpreende ainda com a revelação de uma obra recém-descoberta de Stravinski, um cine-concerto com o filme *Há Lodo No Cais* em celebração dos 100 anos de Leonard Bernstein e as sonoridades inusitadas de um concerto de Haas ao lado de um quarteto de trompas alpinas!

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
Radu Ungureanu
Ianina Khmelik
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
Alan Guimarães
Vladimir Grinman
Diogo Coelho*
Pedro Carvalho*
Tiago Moreira*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Pedro Rocha
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Mariana Costa
Domingos Lopes
Nikola Vasiljev
José Sentieiro
Victor Teixeira*

Viola

Joana Pereira
Anna Gonera
Theo Ellegiers
Emília Alves
Jean Loup Lecomte
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo

Violoncelo

Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Bruno Cardoso
Sharon Kinder
Michal Kiska
Aaron Choi

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Tamás Bartók
Roberto Henriques*

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira*

Fagote

Robert Glassburner
Pedro Martinho*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
José Bernardo Silva
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Tiago Nunes*
Tiago Noites*

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Bruno Costa

Percussão

Paulo Oliveira
Bruno Costa
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

*instrumentistas convidados

17 Fev Sáb - 18:00 Sala Suggia
Há Lodo no Cais

Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música

Olari Elts direcção musical

Invicta..Música.Filmes

19 e 26 Fev, 05 Mar Seg - 17:30
Auditório Edifício EDP - Sede Norte

Saber Ouvir:
9º Curso Livre de História da Música

O Tempo e a Música

Por Daniel Moreira

Elia Kazan filme
com Marlon Brando, Eva Marie-Saint, Karl
Malden, Lee J. Cobb e Rod Steiger
Leonard Bernstein música

Uma experiência arrebatadora com um dos filmes mais icónicos da história do cinema, vencedor de oito Óscares da Academia incluindo o de Melhor Filme. A Orquestra Sinfónica toca ao vivo a electrizante partitura de Leonard Bernstein, acompanhando a projecção do filme no grande ecrã, numa nova masterização em alta definição com os diálogos originais intactos. A tragédia romântica *On The Waterfront* (Há Lodo no Cais), um clássico intemporal realizado por Elia Kazan com argumento de Budd Schulberg e produção de Sam Spiegel, conta com as participações memoráveis de Marlon Brando, Karl Malden, Lee J. Cobb, Rod Steiger, Pat Henning e Eva Marie Saint – naquele que foi o seu primeiro papel cinematográfico – e uma magnífica banda sonora que permanece no repertório das orquestras sinfónicas de todo o mundo.

A música é, por excelência, a arte do tempo: por isso falamos do seu ritmo e da sua pulsação. E para um compositor (ou intérprete) é fundamental o sentido de timing. Mas a música não apenas existe no tempo: ela cria também uma temporalidade própria, uma maneira de (o ouvinte) experienciar o tempo. Essas temporalidades que a música cria são construções históricas e culturais: a experiência do tempo na música ocidental é diferente da da música de Bali ou do Gana. E mesmo na música ocidental essa temporalidade musical vai evoluindo historicamente, de uma temporalidade cíclica (sugerindo a ideia da eternidade) em muita música medieval e renascentista, a uma temporalidade mais dinâmica (associada à noção de progresso) na música clássica e romântica, e às temporalidades fragmentadas (mais subjectivas) dos séculos XX e XXI.

Neste módulo do Curso Livre, seguimos a história da música ocidental sob a perspectiva da temporalidade musical, mostrando como essa história se relaciona com grandes transformações na cultura ocidental e na forma de nos relacionarmos com o tempo, e também com desenvolvimentos noutras artes (literatura, cinema e arquitectura). O percurso é ilustrado com a audição e análise atenta de exemplos significativos, de Palestrina a Bach, Beethoven, Schumann, Stravinski, Messiaen e Stockhausen, entre outros compositores.

20 Fev Ter - 19:30 Sala Suggia
O Gabinete do Dr. Caligari

Remix Ensemble
Casa da Música

Brad Lubman direcção musical

Digitópia Collective electrónica

Invicta.Música.Filmes

Robert Wiene filme

com Werner Kraus, Conrad Veidt, Friedrich

Fehér, Lil Dagover e Hans Twardowski

Wolfgang Mitterer música

O grande clássico do expressionismo alemão, *O Gabinete do Dr. Caligari*, é projectado na grande tela da Sala Suggia e acompanhado ao vivo pelo Remix Ensemble. O filme, um ícone do cinema de terror, conta a história de um hipnotizador louco que usa um paciente para cometer assassinatos. A estética do filme, recorrendo a cenários e imagens deformadas, constitui uma metáfora perfeita do sonho e é uma referência no cinema. Resultado de uma encomenda conjunta da Casa da Música e da Philharmonie do Luxemburgo ao compositor austríaco Wolfgang Mitterer, para os seus festivais de música e cinema, *O Gabinete do Dr. Caligari* é apresentado nesta versão em estreia nacional. Como em todos os filmes mudos, a banda sonora constitui um elemento dramático fundamental.

24 Fev Sáb - 18:00 Sala Suggia
Gurre-Lieder

Orquestra Sinfónica
& Coro Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

Magdalena Anna Hofmann Tove/soprano

Christina Daletska Waldtaube/meio-soprano

Robert Dean Smith Waldemar/tenor

Jeff Martin Klaus-Narr/tenor

André Baleiro Bauer/barítono

Salome Kammer narradora

Arnold Schoenberg *Gurre-Lieder*
(versão Erwin Stein)

Era uma vez um rei dinamarquês chamado Valdemar, cuja mulher assassinou a sua amante no Castelo de Gurre. Esta lenda, cuja suposta veracidade remonta ao século XII, deu origem às Canções de Gurre com base em poemas de Jacobsen e que Schoenberg conheceu na tradução alemã. O resultado foi uma grande cantata para orquestra, coro, narrador e cinco solistas que personificam as personagens da história de amor. Estreada na celeberrima Musikverein de Viena em 1913, a cantata gozou de um sucesso estrondoso e é considerada uma das grandes obras-primas da música ocidental. Nesta interpretação, sob a direcção do maestro suíço Stefan Blunier, *Gurre-Lieder* conta com um elenco internacional de solistas do mais alto gabarito e no qual se inclui o jovem barítono português André Baleiro, o mais recente vencedor do prestigiado Concurso Internacional Robert Schumann de Zwickau.

**11 Mar Dom - 18:00 Sala Suggia
Richard Goode**

Ciclo Piano Fundação EDP

*William Byrd 2 Pavanas e Galhardas de My Lady
Nevills Booke*

J. S. Bach Suíte Inglesa nº 6 em Ré menor

*L. van Beethoven Sonata nº 31 em Lá bemol
maior, op. 110*

–

Claude Debussy Prelúdios, 2o caderno

O pianista Richard Goode goza de um estatuto lendário nas principais salas de concerto do mundo, tendo sido apelidado pela crítica como “a resposta norte-americana a Alfred Brendel”. Após vencer o Concurso Internacional Clara Haskil, em 1973, lançou-se numa carreira internacional especialmente reconhecida pela discografia que inclui integrais das sonatas e concertos de Beethoven e dos concertos de Mozart. Bach está igualmente entre os seus compositores de eleição e Brahms valeu-lhe o prestigiado Grammy Award. No seu recital de estreia na Casa da Música, Richard Goode apresenta peças incluídas na sua discografia premiada e celebra o centenário da morte de Debussy, interpretando o segundo caderno dos Prelúdios.

**25 Mar Dom - 12:00 Sala Suggia
A Quinta de Beethoven**

**Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música**

Joseph Swensen direção musical

Concerto comentado por **Gabriela Canavilhas**

L. van Beethoven Sinfonia nº 5

É o motivo mais célebre de toda a música clássica e deu origem à Sinfonia mais conhecida do mundo, a 5ª de Beethoven. O compositor chamou-lhe “o destino a bater à porta” pelo carácter fortemente rítmico das suas quatro notas. A partir deste pequeno motivo, Beethoven construiu uma verdadeira catedral, uma dramaturgia imparável e inquietante que deixa os ouvintes presos da primeira à última nota. Gabriela Canavilhas apresenta os momentos fulcrais desta sinfonia empolgante, desde o seu motivo inicial até ao triunfante final.



casa da música

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

